

# Traí a Pátria

MAURO CHAVES

Depois de ter assistido à última fala — a da comunicação da moratória — do excelentíssimo senhor presidente da República Federativa do Brasil, fui até o espelho e tive tremendo choque: vi ali estampado um semblante que parecia a mistura sinistra dos rostos de Joaquim Silvério dos Reis e de Domingos Fernandes Calabar. A espantosa imagem me venceu de que o presidente, mais uma vez — como sempre — disse a inteira verdade. Senti-me um traidor da Pátria. Reconheci que me enquadrava por completo na lúcida definição presidencial de traidores da Pátria, qual seja, a do grupo de cidadãos que se permitem criticar as sábias, oportunas, eficazes, corajosas e heróicas medidas tomadas pelo governo de nossa mui amada Nova República.

Em minha perplexidade, e corroído em minhas entranhas morais por angustioso remorso, indaguei à minha própria alma: que razões recônditas me teriam levado a comportamento social tão desprezível, tão abjeto, qual seja, o de trair o torrão natal, meu e de meus antepassados, de trair a minha "família amplificada" de que falava Ruy?

Por mais que refletisse e procurasse esbrugar minha consciência moral, em busca de razões — quem sabe psico-sócio-econômico-culturais — que me tivessem conduzido a tal ignóbil conduta, não as descobri. Restou-me apenas perpassar pela memória remorsal, com profundo remordimento d'alma, aqueles infelizes momentos em que perpetrei, qual pérfido zoilo, nefandas aleivosias contra o solo pátrio.

Veto-me então, à remordida memória o momento em que escrevi duvidando de que estivesse dando certo o que "tinha que dar certo": o Plano Cruzado, a inflação zero, o congelamento, o aumento "real" dos salários, o fim da ciranda financeira, o tabelamento, a cruzada cívica dos "fiscais do Sarney", dos agentes da Sunab e do Procon contra os vis remarcadores de refrigerantes, de mistos-quentes, de queijos e goiabadas, de gomas de mascar, horários de motéis e demais produtos e serviços. Por ter duvidado de que tudo isso daria certo, fiz críticas e por isso traí minha Pátria.

Veto-me à contristada e arrependida memória, em seguida, o momento em que duvidei — e sobre isso escrevi — da legitimidade de todo o conjunto de decretos-leis e decretos baixados pelo excelentíssimo senhor presidente da República, estribados na sólida e inquestionável sapiência jurídica do Escriba da Nova República — alcunhado de Doutor Pró-Rata — assim como na genialidade econômica insuplantável da jovem plêiade unicampista que descobriu, para espanto do mundo, a fórmula da transformadora salvação do Brasil. Por ter tido tais dúvidas — e as transformado em críticas escritas — traí miseravelmente minha Pátria.

Traí minha Pátria — Hélas!, lembrei-me depois — quando duvidei tanto da legalidade quanto da eficácia do confisco do boi gordo e da caçada aos execrandos sonegadores pecuaristas. Traí minha Pátria quando comecei a desconfiar de que havia cobrança de ágio não só na carne vacum e em todas as outras carnes dos açougues como em todas as frutas, legumes e verduras da feira; nas cervejas, whiskys e cachaças dos bares; nos produtos elétricos e eletrônicos das lojas; nas confecções das butikues; nos carros das agências e em todos os demais produtos comestíveis, bebestíveis e utilizáveis. Traí minha Pátria logo depois quando constatei que produtos com ágio ou sem ágio desapareciam subitamente dos açougues, feiras, bares, lojas, confecções, agências, além de supermercados, padarias, mercearias, quitandas, papelarias, oficinas mecânicas etc. Constatei e critiquei — portanto, traí.

Perpetrei imperdoável traição contra a minha Pátria no momento em que, impensadamente, critiquei com veemência o "compulsório" sobre os carros, combustíveis e passagens aéreas — aquele empréstimo que o governo da Nova República, com toda a credibilidade que nos inspira em relação ao pagamento do que deve, nos reembolsará em futuro bem próximo, com toda a remuneração financeira prometida.

Por ocasião do exitoso lançamento do Cruzado II, cometi a inominável perfídia — à Pátria — de dizer que o governo da mui amada Nova República havia ludibriado os eleitores, que não teriam sufragado com tamanho entusiasmo o partido maior, que lhe dá sustentação, caso soubessem de antemão dos reajustes e descongelamentos repentinos e gerais, assim como da inflação de 20% ao mês, anunciada oficialmente como de 60% ao ano. E agora, pouco antes da decretação da moratória, consegui trair a Pátria de maneira ainda mais chocante, por ter antecipado — e escrito sobre — o desfraldar da portentosa nova bandeira de mobilização nacional, contra o inimigo externo, nossos crapulosos credores internacionais.

Critiquei o governo, sim, e por isso traí minha Pátria, sim. Sinto minh'alma corroída de terríficas culpas, por não ter reconhecido a competência esplêndida da equipe econômica ministerial, assim como o descortino estelar do excelentíssimo chefe de governo. E eis porque, com a pena (ou apenas as teclas dactilográficas) embargada de insopitável remorso, só me resta exclamar, penitente: Oh! Pátria, me perdoe!

P.S. 1: A presente autocrítica pretende ser modesta contribuição para que o governo Sarney, ou seja, a Pátria, livre de críticas, isto é, de traições, de agora em diante dê certo.

P.S. 2: Apesar de tudo, espero que não se confunda esta coluna das quintas com uma quinta coluna.